



A mística da inutilidade:

Uma leitura ecoteológica da poesia de Manoel de Barros, na perspectiva do Bem Comum.

*Felipe Magalhães Francisco**

Resumo: Pensar a categoria de Bem Comum, hodiernamente, pressupõe, necessariamente, incluí-la numa perspectiva ecológica. Dessa maneira, é tarefa da teologia debruçar-se também sobre essa questão, no seu serviço para a sociedade. Tem crescido, tanto nos estudos de religião quanto na teologia, a interface com a literatura, como caminho promissor de diálogo. A presente comunicação se propõe a fazer uma leitura de textos selecionados do poeta brasileiro Manoel de Barros (1916-2014), extraíndo deles uma reflexão do que chamamos de mística da inutilidade, em perspectiva ecológica, em interface com a teologia. Do olhar do eu-lírico sobre as coisas inúteis presentes na natureza, surge uma ética ecológica propícia à leitura teológica da criação, bem como um convite a uma nova postura do ser humano diante das realidades criadas.

Palavras-chave: Mística da inutilidade. Bem Comum. Criação. Manoel de Barros.

“As coisas que não levam a nada têm grande importância”

(Manoel de Barros)¹

1. Introdução

As interfaces entre teologia, também dos estudos de religião, e literatura têm resultado em novas perspectivas para o labor teológico, de pensar a revelação também expressa por meio da arte. A literatura, como produto da cultura humana, está iminentemente marcada pelo dado antropológico: ela cria novos mundos possíveis, além de interpretar a realidade humana. Essa realidade humana é o lugar no qual desponta a revelação e ela está marcada pelo aspecto religioso. Desse modo, a literatura nos abre à

* Doutorando em Ciências da Religião, pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da PUC-MG. Mestre e Bacharel em Teologia, pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. E-mail: felipe.mfrancisco.teologia@gmail.com.

¹ In.: *Matéria de poesia*, p. 9.



possibilidade de perceber, tanto os traços da revelação, presentes na arte literária, quanto o fato religioso, que perpassa essa arte.

Nossa proposta, aqui, é fazer essa interface, em um olhar voltado para a obra poética de Manoel de Barros, nascido em 1916 e “tornado passarinho” em 2014. A poética de Manoel de Barros não é religiosamente engajada, isto é: apesar de referências a Deus despontarem em seus poemas, não se trata de uma literatura confessional. Isso não significa, no entanto, que traços do religioso despontem e que não nos possa ajudar no fazer teológico.

O diálogo a que nos propomos, partindo da poética de Barros, tem como base a liberdade interpretativa do leitor que, ao se debruçar sobre a obra literária, dela também passa a fazer parte, como co-criador, tal como a hermenêutica nos ajuda compreender. Antes, porém, de nos dedicarmos a analisar como emerge uma possível mística da inutilidade na poética de Barros, voltaremos nosso olhar para a questão do padecimento do mundo, fruto amargo de uma relação utilitarista estabelecida pelos seres humanos. Em seguida, debruçar-nos-emos sobre poemas selecionados do referido poeta, para perceber neles uma proposta não utilitarista de nossa relação com o mundo.

2. O utilitarismo e o padecimento do mundo

“Ordem e Progresso” é o lema positivista presente em nossa bandeira e que, tragicamente, foi adotado como lema do atual grupo que ocupa o poder central em nossa República. Em sua origem, o lema se propunha a expressar um espírito conservador, em seu melhor significado, e, ao mesmo tempo, o trilhar da nação rumo a melhores condições. Ainda que o espírito motivador tenha por princípio tais ideais, tal lema é bastante utilitarista. Tanto o é, que a máxima expressão em nossa história recente de tal dimensão utilitarista se deu no período da ditadura militar. O “progresso” motivou a destruição da Amazônia, encampada pelo Estado, em nome do desenvolvimento. Tal inspiração ainda pode ser percebida em nossos dias, de maneiras cada vez mais nefastas.

O progresso, tal como compreendido, sobretudo na história ocidental, cobra um alto preço da natureza, da qual também somos partícipes. Os anseios utilitaristas do ser



humano frente ao mundo provocam tamanho caos em toda a criação que ela geme como que em dores de parto. Paulo, no fim da década de 50 do primeiro século da Era Cristã, já alertava para o fato de que o pecado humano escraviza toda a criação, de modo que esta precisa ser liberta, para um renascimento (cf. Rm 8,18-22). A salvação humana pressupõe, portanto, também a salvação de todo o mundo criado, de modo que a natureza também é chamada à participação na realização escatológica que se revela na morte-ressurreição de Jesus.

Fomos criados para *crescer*, tal como é interpretado o lugar humano dado por Deus, no livro do Gênesis (cf. 1,28). Esse crescimento precisa ser entendido no plano da realização: somos chamados a nos realizar no mundo do qual somos integrantes. No mesmo convite ao crescimento, isto é, à realização humana, somos chamados a cuidar de todo o mundo criado: tornamo-nos co-criadores. O lugar humano na criação não é, então, dado como privilégio, mas como serviço. *Dominação e submissão*, traduções comuns do v. 28 do capítulo primeiro do Gênesis, reclamam uma compreensão aberta e responsável, não cedida ao utilitarismo que coloca toda a natureza como meio, sem consequências, para nosso desfrute.

No paraíso, homem e mulher foram chamados a se realizarem, na comunhão com toda a criação e com o Criador. Em meio ao deleite paradisíaco, o interdito: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não debes comer, porque, no dia em que dele comeres, com certeza morrerás” (Gn 2,16-17). A liberdade humana pressupõe responsabilidade. O mesmo conhecimento que pode nos capacitar a uma vida mais humanizada, é o que propicia a destruição da vida de todo o planeta: é estarrecedor o fato de que grandes invenções humanas são frutos do investimento em prol de forças bélicas, que promovem destruição.

Note-se, porém, que o desenvolvimento humano não é, sim si, pecaminoso. É possível, pois, crescer com responsabilidade. É o que propõe as provocações feitas no âmbito da sustentabilidade. O pecado reside no fato de que tomemos o mundo de forma utilitária, como se dele não fizéssemos parte. Cedendo ao anseio utilitarista, o ser humano arranca seu próprio rosto, buscando uma máscara que o coloque numa posição divina frente a toda realidade criada e diante de Deus. Enquanto a economia for o



imperativo a mover nosso mundo humano, não alcançaremos um lugar de realização em comunhão com o todo mundo criado.

É preciso, pois, romper com as motivações utilitaristas que têm nos levado à destruição do mundo criado. O desenvolvimento humano precisa estar atrelado ao cuidado para com a vida do planeta, em todas as suas formas. Se toda a criação não se salva, também nós não nos salvamos, dado que somos parte a integrar o grande todo da obra divina. Nesse sentido, a obra poética de Manoel de Barros, intuímos, ajuda-nos a que lancemos um novo olhar para o mundo criado, para dele fazermos comunhão. No que chamamos de mística da inutilidade, na poética de Barros, um possível caminho integrador do humano com a natureza.

3. A mística da inutilidade

O ser humano supervalorizou a si mesmo, diante do mundo, conferindo a si uma importância para além da qual fora criado. Isso nos levou a um grave processo de destruição do mundo, para nosso favorecimento de modo utilitarista e irresponsável, que nos leva à destruição, junto com todo o planeta. Se voltamos a Jesus, vemos que a centralidade de seu anúncio se dirige ao ser humano, revelando-lhe, sim, alguma importância: ele é o destinatário da mensagem do Reino. Mas não significa, contudo, que o dom do Reino seja exclusivo ao ser humano: toda a criação é chamada a ser tomada pela ação salvífica divina. Recordemo-nos de que a narração paradisíaca no livro do Gênesis mostra uma relação de comunhão de Deus com toda a criação: Deus passeia no jardim (cf. 3,8).

O mesmo Jesus que toma por destinatário de sua mensagem o ser humano, coloca-o em seu devido lugar: o de servidor. Mais: “Somos servos inúteis, fizemos o que devíamos fazer” (Lc 17,10). O conselho de Jesus para que seus discípulos reconheçam a própria inutilidade é caminho para que não se pensem em importância maior que a que realmente têm. Frente ao Reino é preciso gratuidade, pois é com gratuidade que esse Reino nos alcança. Nosso lugar humano, no mundo, é um serviço, o qual somos chamados a fazer na gratuidade de quem tudo recebeu, por amor e dom, de Deus.



“De graça recebestes, de graça deveis dar” (Mt 10,8) é o que Jesus diz, quando envia os seus em missão. É nessa lógica que se insere a mística da inutilidade: na gratuidade de quem recebe um dom, a gratuidade de quem se coloca à disposição por tornar o mundo uma realidade possível para toda a criação. Servos inúteis que, segundo a gratuidade, não valorizam a si mesmos mais que o lugar que realmente ocupam no mundo e no Reino. A mística da inutilidade consiste, então, em um autossituar-se do ser humano, reconhecendo sua dignidade, sem supervalorizá-la. Essa mística, a nosso ver, também possibilita uma nova compreensão do ser humano diante de sua missão de crescimento, isto é, de realização no mundo, que pressupõe comunhão e, ainda, rechaço de atitudes utilitaristas em nome de falso progresso.

Como dissemos, a poética de Manoel de Barros nos oferece perspectivas interpretativas que possibilitam o exercício do que chamamos de mística da inutilidade, na relação com a natureza. O próprio poeta, em seu “Pretexto” (apresentação do *Livro sobre nada*), expressa o debruçar do seu olhar para a inutilidade das coisas como a realidade que realmente importa em nossa relação com o mundo:

O que eu gostaria de fazer é um livro sobre nada. Foi o que escreveu Flaubert a uma amiga em 1852. Lá nas Cartas exemplares organizadas por Duda Machado. Ali se vê que o nada de Flaubert não seria o nada existencial, o nada metafísico. Ele queria o livro que não tem quase tema e se sustente só pelo estilo. Mas o nada de meu livro é nada mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludo, etc etc. O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo o que use o abandono por dentro e por fora.²

A poética de Manoel de Barros, em seu interesse pela inutilidade das coisas e dos seres, inverte a lógica utilitarista com a qual nos reportamos ao mundo. O verdadeiro valor que as coisas e que os seres têm, não está na sua serventia, mas, justamente o contrário: valorosas são as coisas que alcançam o lugar de desimportância, em que a gratuidade com a qual nos relacionamos com elas verdadeiramente se dá. Uma

² BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*, p. 7



relação de comunhão com as coisas e com os seres só é possível, na poética de Barros, na não serventia delas: “As coisas tinham para nós uma desutilidade poética”.³

Ora, a inutilidade celebrada, tanto das coisas quanto dos seres, toca o próprio eu-lírico, que reconhece a si mesmo como que devotado às coisas inúteis. Dessa maneira, seu próprio serviço poético é inútil, revelando que o supracitado conselho de Jesus dado aos seus discípulos é plenamente assumido pelo eu-lírico, tal como podemos ver no poema seguinte:

Não é por me gavar
mas eu não tenho esplendor.
Sou referente pra ferrugem
mais do que referente pra fulgor.
Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário.
O que presta não tem confirmação,
o que não presta, tem.
Não serei mais um pobre-diabo que sofre de nobrezas.
Só as coisas rasteiras me celestam.
Eu tenho cacoete pra vadio.
As violetas me imensam.⁴

Caso o eu-lírico pudesse se *gavar* de alguma coisa, seria justamente de não ter nenhum esplendor. Contrariando a toda lógica utilitarista, que precisa verificar uma serventia para todas as coisas e para todas as ações, o eu-lírico reconhece sua dignidade no fato de se dedicar ao que é desnecessário. O necessário, aqui, pode ser compreendido como sinônimo de útil e, também, daquilo que *presta* às mentalidades utilitaristas presentes no mundo. Utilitaristas são pobres-diabos, que padecem de nobrezas e que nessa nobreza precisam se firmar a todo custo, supervalorizando a sua própria importância. Para o eu-lírico, porém, o que torna possível uma experiência de salvação, significada no poema pelo neologismo “celestar”, são as coisas rasteiras, as sem importância.

Se o “celestamento” do eu-lírico só é possível na relação com as desimportâncias do mundo, é desse lugar que também nasce sua vocação, pois é aí que

³ IBID, p. 11.

⁴ IBID, p. 29.



se dá a experiência salvífica e onde reside a verdadeira sabedoria, tal como podemos ver no poema que segue:

Nasci para administrar o à toa
o em vão
o inútil.
Pertencço de fazer imagens.
Opero por semelhanças.
Retiro semelhanças de pessoas com árvores
de pessoas com rãs
de pessoas com pedras
etc. etc.
Retiro semelhanças de árvores comigo.
Não tenho habilidade pra clarezas.
Preciso de obter sabedoria vegetal.
(Sabedoria vegetal é receber em naturalidade uma rã no talo.)
E quando esteja apropriado para pedra, terei também
sabedoria mineral.⁵

Administrar talvez fosse o verbo que melhor expressasse o espírito da vocação humana frente ao mundo criado, frente aos verbos *submeter* e *dominar* de nossas traduções bíblicas. Para o eu-lírico, sua vocação o remete àquilo que é administrar o à-toa, o em vão, o inútil, pois aí o despertar poético se dá. A revelação poética, a partir da qual opera o labor do poeta, é no despertar para a semelhança de pessoas com árvores, com rãs e com pedras: não há uma valorização do humano frente a esses componentes da natureza; há, porém, uma identificação que só uma relação não utilitarista pode compreender.

Nesse sentido, é preciso um esforço por alcançar outras formas de sabedoria que não a somente humana: há que se deixar envolver pela sabedoria vegetal e mineral. Esse alcance e envolvimento com essas distintas sabedorias só se torna possível quando o humano se deixa *apropriar* ou que ele esteja *apropriado* pelo vegetal e pelo mineral, e não o contrário, como supõe a lógica utilitarista. O pressuposto, então, é que um tipo de relação bastante ressignificada surja entre as pessoas e as outras realidades criadas: é preciso uma relação de comunhão.

⁵ IBID, p. 34.



A “ecoteologia” de Manoel de Barros – com a licença poética que aqui nos cabe para designar a sua obra – é um convite à comunhão com a natureza e a um olhar de fraternidade para com ela, tal como em Francisco de Assis. Essa comunhão, fruto da relação com a natureza sem interesses de utilidade, faz com o que o eu-lírico dê um estatuto religioso às coisas insignificantes, isto é, a comunhão com as realidades criadas das quais nós somos partícipes, nos religam a Deus:

Prefiro as máquinas que servem para não funcionar:
quando cheias de areia de formiga e musgo – elas
podem um dia milagrar de flores.

(Os objetos sem função têm muito apego pelo abandono.)

Também as latrinas desprezadas que servem para ter grilos
dentro – elas podem um dia milagrar violetas.

(Eu sou beato em violetas.)

Todas as coisas apropriadas ao abandono me religam
a Deus.

Senhor, eu tenho orgulho do imprestável!

(O abandono me protege.)⁶

O descartável, como aquilo que não tem utilidade, pode se tornar oportunidade de um acontecimento de graça, que o eu-lírico designa como “milagrar”. Nas máquinas recostadas e em todos os objetos dedicados ao desuso, a possibilidade de irrupção de algo maior: o surgimento das flores, como embelezamento do mundo novo possível. Note-se a insistência que o poema faz no uso da palavra abandono, com o destaque que fazemos para o seguinte verso: “Todas as coisas apropriadas ao abandono me religam a Deus”. O inútil é caminho de encontro com a divindade, de modo que a inutilidade assume uma legítima função religiosa, pois *religa* o eu-lírico com Deus. Aqui, uma inversão interessante no jogo religioso se faz ver: no inútil, isto é, naquilo que é está imerso no âmbito do profano, a possibilidade de um encontro com Deus. Não seria isso, também, a encarnação?

⁶ IBID., p. 37.



O abandono, que por três vezes aparece no poema, remete-nos, também, a um lugar crístico: da mesma forma que o disfuncional, o profano, torna-se “religião”, *religare*; na cruz, o Abandonado é aquele que tem toda a complacência de Deus, este que responde amorosamente ao grito de abandono (cf. Mt 27,46), com a Ressurreição. No abandono, isto é, no reconhecimento da inutilidade como dom (= “servir para não funcionar”), o nascimento das flores, que podemos tomar por metáfora da Ressurreição, como a recriação para uma nova maneira de vida, que torna possível uma relação “beata” com as violetas. A beatitude, sinalizada no poema pelo milagrar das violetas em meio à latrina, nasce de uma experiência só propícia graças à inutilidade.

Da mesma maneira que a cruz do Abandonado, como acontecimento de salvação, torna-se loucura (cf. 1Cor 1,18), a dedicação a que todos somos chamados para com as coisas inúteis e desimportantes, como o eu-lírico, também são manifestas como loucura, ou, como diz a linguagem poética de Manoel de Barros, como “imbecilidade”. É o que podemos perceber em “Poema”:

A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei.
Meu fado é o de não saber quase tudo.
Sobre o nada eu tenho profundidades.
Não tenho conexões com a realidade.
Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
Para mim poderoso é aquele que descobre as
insignificâncias (do mundo e as nossas).
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado e chorei.
Sou fraco para elogios.⁷

O eu-lírico reconhece que seu destino – ou, quiçá, sua sorte – seja o de não saber quase tudo. O poeta já havia alertado, no já citado “Pretexto”, sua intenção em escrever um livro sobre nada. Esse nada, afirmou o poeta, não se trata de um nada existencial, mas de um nada “desimportante”. Isso porque o verdadeiro poder está na descoberta daquelas coisas que são o que o eu-lírico nomeia de insignificâncias, que são tanto as do mundo, quanto as nossas próprias. Essas insignificâncias nos aproximam, tornam-nos semelhantes. Dessa maneira, a mística da inutilidade se manifesta, como dissemos, na

⁷ Id., *Tratado geral sobre as grandezas do ínfimo*, p. 19.



negação de uma importância que sequer temos, para uma concepção fraternal de nossa relação com o mundo.

Ser um místico da inutilidade torna o eu-lírico – e também a nós, que nos propomos a esse caminho, seguindo o convite tanto de Jesus quanto da “ecoteologia” de Manoel de Barros – imbecis aos olhos dos utilitaristas, que já foram nomeados pelo poeta de pobres-diabos. Mas, uma vez mais, o poeta inverte a lógica: a imbecilidade não significa, então, um xingamento, mas um elogio, capaz de levar o eu-lírico ao choro emocionado e que, diríamos, o coloca numa posição crítica, pois assumir sua imbecilidade, seria assumir aquela mesma atitude dos discípulos e discípulas de Jesus de oferecerem a outra face, ao serem esbofeteados (cf. Mt 5,39).

Para se alcançar esse lugar maduro na relação não utilitarista com o mundo, o eu-lírico propõe um caminho ascético, só que às avessas: é preciso ascender a uma estatura que, longe de nos deixar puros e inteiramente distantes do profano e do cotidiano, aproxime-nos mais. Para isso, o caminho ascético proposto pelo eu-lírico é o da assunção do ser criança, como nos é apresentado no poema “Ascensão”:

Depois que eu iniciei minha ascensão para a infância,
Foi que vi como o adulto é sensato!
Pois como não tomar banho nu no rio entre pássaros?
Como não furar lona de circo para ver os palhaços?
Como não ascender ainda mais na ausência da voz?
(Ausência da voz é *infantia*, com t, em latim.)
Pois como não ascender até a ausência da voz –
Lá onde a gente pode ver o próprio feto do verbo –
ainda sem movimento.
Aonde a gente pode enxergar o feto dos nomes –
ainda sem penugens.
Por que não voltar a apalpar as primeiras formas da
pedra. A escutar
Os primeiros pios dos pássaros. A ver
As primeiras cores do amanhecer.
Como não voltar para onde a invenção está virgem?
Por que não ascender de volta para o tartamudo!⁸

Numa livre associação, o ascender à infância poderia ser compreendido de maneira semelhante à proposta de Jesus feita a Nicodemos, de que era preciso nascer de

⁸ IBID., p. 41.



novo, para ver o Reino de Deus (cf. Jo 3,4). Sem voltar à infância, que significa alcançar o pré-princípio das coisas, “o feto do verbo”, “o feto dos nomes”, não há como fazer a experiência de mergulhar profundamente na comunhão com o mundo que nos abraça. É preciso “conversão”, para apalpar as primeiras formas da pedra; para escutar o primeiro pio dos pássaros; para ver as primeiras cores do amanhecer. Ou, numa palavra: para recuperar a experiência paradisíaca, do primeiro homem e da primeira mulher, antes da ruptura radical na comunhão com Deus e com toda a criação.

Para vencer ao ímpeto utilitarista, tão próprio dos humanos adultecidos, o poeta não abre mão da infância, como sentimento e como *apropriação* fraterna do mundo, “pois as coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças”⁹. Nomear algo, simbolicamente, significa impor uma autoridade sobre as coisas. Só as crianças têm a capacidade de se relacionar com essas coisas na gratuidade da relação. Não é sem motivos que a sabedoria de Jesus dá às crianças um lugar todo pleno no Reino dos Céus (cf. Mt 19,14), pois elas não têm medo de entrar no jogo, integralmente, para viverem a verdade da experiência com o mundo. Na lida com as coisas criadas, todos precisamos nos tornar crianças. A regra para nos desapegarmos do utilitarismo dos adultos, o próprio eu-lírico nos dá: “Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber [...] desaprender oito horas por dia ensina os princípios”.¹⁰

O amor pela natureza, várias vezes demonstrado pelo poeta, é inspiração para um cuidado maior de nossa parte para com o mundo que nos abriga, chamando-nos a um olhar e a uma relação de comunhão e de vida compartilhada. É urgente que nos conscientizemos da importância de realmente nos responsabilizarmos por esta Casa comum, não apenas humana, mas de toda a fraternidade das criaturas. Essa é a mística da inutilidade à qual todos e todas somos chamados a abraçar, na lida com o mundo criado. Precisamos fazer crescer e multiplicar nossa responsabilidade e nosso cuidado, a fim de que o direito à vida brote como fonte, e a justiça qual riacho que não seca (cf. Am 5,24). E que ao fim, as criaturas todas, juntas, entoemos um salmo de louvor ao Criador por tamanha dádiva de vida em comunhão: “Louvado sejas, meu Senhor!”.

⁹ Id., *O livro das ignorâncias*, p. 10.

¹⁰ IBID., p. 9.



4. Conclusão

A inutilidade tem um sentido bastante negativo, em nosso imaginário. Na inversão dessa lógica, estão Jesus e o poeta Manoel de Barros, que apontam a inutilidade como aquilo que realmente importa, pois nos tira de um lugar pretensamente privilegiado, fazendo-nos ocupar um lugar que possibilite a comunhão, com tudo aquilo que nos é semelhante. A inutilidade, então, ganha um caráter de modo de vida: o trilhar existencial de não reconhecer-se mais importante do que se é – o que não significa indignidade. Eis a mística à qual somos convidados pelos poetas: o da Galileia e o de nosso Pantanal brasileiro.

Uma vez que nos coloquemos no lugar que realmente devemos ocupar, tendo a inutilidade como inspiração, aí poderemos experimentar uma vida de comunhão com toda a criação. Comunhão, aqui, abarca também a compreensão de Bem Comum, tão necessária, sobretudo em tempos em que o individualismo nos coloca a todos como concorrentes. Praticar a inutilidade é viver uma mística de comunhão, que possibilita que todos sejam, igualmente, sem prevalência de uns sobre outros. O processo de humanização que todos precisamos assumir, como verdadeira experiência de salvação, precisa gerar frutos de salvação também para o mundo criado, para além dos seres humanos que não têm exclusividade. Que a consciência *ecológica* seja, também, consciência *ecumênica*: pois todos habitamos a mesma casa; todos somos a mesma casa.

Referências

BARROS, Manoel. *Livro sobre nada*. São Paulo: LeYa, 2013 (Coleção Biblioteca Manoel de Barros).

_____, *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. São Paulo: LeYa, 2013 (Coleção Biblioteca Manoel de Barros).

_____, *O livro das ignorâncias*. São Paulo: LeYa, 2013 (Coleção Biblioteca Manoel de Barros).